



MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO: FOTOGRAFIAS DO MOBRL CULTURAL NO SERTÃO ALAGOANO

Francisco das Chagas Silva Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN (Brasil)
Endereço eletrônico: chagas.souza@ifrn.edu.br

Elvira Fernandes de Araújo Oliveira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN (Brasil)
Endereço eletrônico: elvira.fernandes@ifrn.edu.br

Ana Paula Marinho de Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN (Brasil)
Endereço eletrônico: marinho.p@escolar.ifrn.edu.br

1840

Esta comunicação é parte de um projeto de pesquisa, em andamento, desenvolvido pela Prof^a Dr^a Maria Ciavatta (UFF), intitulado “*Da História da Educação à História do Trabalho-Educação – A fotografia como fonte de pesquisa histórica*”. Uma das atividades desse projeto são encontros com a participação de professores convidados e alunos de pós-graduação e de iniciação científica, nos quais se dão análises e discussões acerca do tema da pesquisa.

Por sermos membros desse projeto, temos como objetivo apresentar algumas fotografias utilizadas na tese de doutorado do Prof. Dr. Jailson Costa da Silva, intitulada “A memória dos esquecidos: narrativas dos sujeitos partícipes das ações do Mobral Cultural no Sertão de Alagoas”, defendida em 2018, no Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (SILVA, 2018). A pesquisa teve como objetivo “compreender – a partir da tessitura das histórias e memórias, como os sujeitos do sertão alagoano experienciaram e ressignificaram as ações culturais desenvolvidas pelo Mobral em um contexto de Ditadura civil-militar” (SILVA, 2018, p. 8).

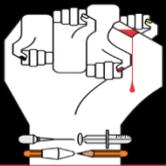
Após o golpe militar o Estado assumiu diretamente o controle da alfabetização de adultos com a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) mediante o Decreto-Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, como uma fundação de direito público (BRASIL, 1967). De fato, as ações do Mobral só começaram em 1970 e se desenvolveram mediante quatro programas: 1) alfabetização funcional; 2) educação integrada; 3) desenvolvimento comunitário; 4) atividades culturais. Mais tarde, outros programas foram implementados, a saber: Programa Mobral Cultural, Programa de Profissionalização, Programa de Educação Comunitária para a Saúde, Programa

Realização:



Apoio:





diversificado de Ação Comunitária, Programa de Autodidatismo, Programa Infanto-Juvenil, Programa Pré-escolar e Programa Tecnologia da Escassez.

No seu estudo, o pesquisador utilizou fotografias como fontes, pois, segundo ele, estas “carregam em si narrativas que se relacionam, e são inseparáveis das demais narrativas proporcionadas pelas fontes orais que aparecem nesse estudo” (SILVA, 2018, p. 42). Ressalta ainda que “A fotografia, com sua potencialidade de apreender de forma eficaz uma determinada situação, potencializa a dedução do que não é visto na imagem e possibilita, sobretudo, a releitura daquilo que se está vendo” (p. 43).

Corroboramos com a concepção do pesquisador quanto ao uso de fotografias como fontes históricas e reforçamos a não neutralidade dos registros fotográficos. Assim, endossamos a afirmação de Ciavatta (2015, p. 71), para quem, “Com a fotografia, movemo-nos no claro-escuro das ambiguidades, das meias-verdades”. Adiante, na mesma obra, a autora alude ao fato que “A imagem, por si, não oferece inteligibilidade; ela deve ser explicada” (p. 78).

Com o objetivo de conhecer como se davam as ações do Mobral Cultural, o pesquisador buscou ex-trabalhadores desse Programa (uma ex-supervisora, ex-alfabetizadores, uma ex-voluntária, ex-alunos etc.) e estes, além de conceder entrevistas, forneceram-lhe algumas fotografias que, em conjunto com outras que dispunha, “reconstruiu” as atividades desenvolvidas no sertão de Alagoas, na década de 1970. Silva (2018) também utilizou as fotografias para ampliar a discussão e analisar os relatos dos “esquecidos” (adjetivação dada por ele no título da sua tese).

Na tese, são encontradas 21 fotografias, dentre as quais selecionamos 6 para a nossa análise. Ao longo do texto, esses registros aparecem junto às vozes dos sujeitos entrevistados, pois, como esclarece o autor, a fotografia é um complemento da narrativa e, desse modo, as vozes dos alagoanos misturam-se àquelas imagens, possibilitando a construção de uma nova história. Logo, podemos inferir que a fotografia, enquanto fonte documental, é utilizada pelo pesquisador como um recurso que auxiliou os entrevistados a delimitarem a busca feita pela memória, perante as informações mais significativas do cotidiano vivido (MONEGO; GUARNIERI, 2012).

Como afirma Mauad (1996, p. 15), “nunca ficamos passivos diante de uma fotografia”. Para essa autora, frente a uma fotografia, a nossa imaginação é provocada pois a materialização daquela imagem nos faz pensar sobre o passado. Sem dúvida as fotografias utilizadas por Silva (2018), uma vez registradas, deixaram a marca do contexto de um passado que agora volta ao presente e sugere diversas interpretações.



Destarte, consideramos importantes as observações feitas por Kossoy (2001) acerca do estudo de fotografias. Esse fotógrafo e historiador, com base nos comentários de Erwin Panofsky (1892-1968) sobre as artes visuais, utiliza um método para a leitura da imagem fotográfica alicerçada na análise iconográfica e na interpretação iconológica. A primeira pretende detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos. Nesse momento, a descrição prevalece e o assunto é situado no espaço e no tempo. A segunda, prima pela interpretação, por uma incursão em profundidade na cena representada, pois ver, descrever e constatar não são suficientes.

Ciavatta (2015, p. 93) também enfatiza a importância da contextualização. Para ela: “As fotografias não são isoladas, independentes. São situadas em um contexto e indelevelmente marcadas por quem as produziu, pelo olhar de quem as recortou da realidade e por nós, sujeitos que lhes damos novos usos e novos significados”. Nesse sentido, “as fotos, as imagens que observamos, tem seu lado aparente, a imagem propriamente dita, e o lado oculto de sua produção, da história, da técnica com que foi feita, das relações e valores que nortearam a sua realização daquela forma, e não de outra” (CIAVATTA, 2004, p. 45).

Podemos afirmar que os documentos fotográficos devem ser tratados como mediações históricas (CIAVATTA, 2002; 2015). Significa ir além da análise iconográfica, da aparência visual da fotografia, e incorporar na análise iconológica de que fala Kossoy (2001), o contexto de sua produção social, a apropriação, a conservação e utilização para fins de conhecimento e de interesses políticos e ideológicos. É analisá-la na totalidade social de que faz parte, como “síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso” (MARX, 2008, p. 258).

Dentre as fotografias utilizadas por Silva (2018) está a de um Posto Cultural que, segundo o Programa de Atividades Culturais do Mobral (FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO, 1973), deveria ser uma unidade operacional fixa, servindo como centro aglutinador e irradiador dos projetos do Programa. Desse modo, conforme o pesquisador, as narrativas mostraram que todos os entrevistados acreditavam que esse Programa foi uma iniciativa positiva, já que acabou por resgatar e difundir a cultura local, além de aproximar a população do contado com tecnologias e acesso a outras culturas. As ações desse Programa chegavam aos lugares mais longínquos do sertão alagoano, fato que, para Silva (2018), contribuiu profundamente para a impressão positiva deixada para a população.



Embora o contexto da época fosse de opressão, as ações do Mobral Cultural acabaram por dar visibilidade às práticas culturais que já ocorriam de forma isolada na comunidade. Assim, o autor da tese observa que os sujeitos da pesquisa permitiram-se “ser invadidos pelo que não podiam controlar”, mas afirma que eles resistiram com as “múltiplas astúcias da sabedoria popular”, pois mostraram o que sabiam fazer.

Diante disso, Silva (2018) conclui a sua análise assinalando que, mesmo em situações que visavam o controle social das populações, a realidade investigada se impôs para além das estratégias políticas de dominação. Dela despontaram “táticas” cotidianas imprevistas, que invencionaram novas lógicas de apropriação do que foi oferecido aos sujeitos, que escaparam ao controle, podendo daí resultarem novas formas de significação” (SILVA, 2018, p. 204).

As fotografias das festas, das danças “folclóricas”, das oficinas e exposições de artesanatos, em conjunto com os relatos saudosistas e emocionados dos entrevistados, certamente contribuem para uma reescrita da história da educação no semiárido alagoano, haja vista que a educação não se restringe aos espaços escolares.

No processo dessa investigação ficou explícito que os sertanejos estudados por Silva (2018) deixaram-se ser invadidos pelo que não podiam controlar, mas resistiram com as múltiplas astúcias da sabedoria popular, ao mostrar o que sabiam fazer. Isso fez parte das “artimanhas” de resistênciapopular diante dos serviços e novidades oferecidos pelo Mobral, o que não significa dizer que o envolvimento da comunidade nas ações culturais representou a aceitação/passividade das ações apresentadas, pois quando essas ações foram implementadas, certamente já existia uma estrutura social da cultura popular alicerçada nos costumes e tradições do povo do sertão.

Face ao exposto, ressaltamos a necessidade de mais pesquisadores envolvidos na tarefa de descortinar as “vozes” das imagens fotográficas, como peças de um grande quebra-cabeças da história. Entretanto, é importante que esses pesquisadores estejam cientes que esse jogo nunca vai se completar, pois sempre faltarão peças a se juntar ou impossíveis de serem resgatadas.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias da Educação. Fotografia. Mobral Cultural. Sertão Alagoano.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 5.379, de 14 de dezembro de 1967**. Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos. Brasília, DF: Presidência da República, 1967. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5379-15-dezembro-1967-359071-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 16 maio 2021.

CIAVATTA, M. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte história** (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CIAVATTA, M. Educando o trabalhador da grande “família” da fábrica – a fotografia como fonte histórica. *In*: CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 37-59.
CIAVATTA, M. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da Educação Profissional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO. **Programa de atividades culturais do Mobral**. Rio de Janeiro: Lux, 1973. v. 1. Disponível em: <http://cremeja.org/a7/wp-content/uploads/2019/09/2-programas-de-atividades-culturais-v1-1.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2022.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editoria, 2001.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MONEGO, S.; GUARNIERI, V. A fotografia como recurso de memória. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, ano 25, n. 36, p. 71-87, dez. 2012.

SILVA, J. C. **A memória dos esquecidos: narrativas dos sujeitos partícipes das ações do MOBREAL cultural no sertão de Alagoas**. 226f. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

1844